

PARA-FORMAL NO CENTRO DA CIDADE DE PELOTAS/RS

Mediações e controvérsias no uso do espaço público

Lorena Maia Resende¹
Humberto Levy de Souza²
Laís Dellinghausen Portela³
Eduardo Rocha⁴

Resumo

A cidade contemporânea é o encontro da diversidade, em que o espaço público não está definido pelos regulamentos urbanísticos, mas em muitas ocasiões são os próprios habitantes que decidem qual espaço será comunitário e qual não será. A pesquisa se interessa por esses lugares de ruptura, do caos, que produzem atividades subversivas às leis que regem a economia tradicional – espaços “para-formais”. Este acontecimento informal, longe de ser ocasional, constitui um fator relevante no desenvolvimento das cidades, assim a investigação é dedicada a “mapear”, dar voz a “para-formalidade”, tendo como estudo de caso o centro da cidade Pelotas. A partir de cartografias urbanas, fazendo uso de recursos infográficos procura entender que coisas unem e separam a cidade formal da informal, além de desvendar como acontece a integração de coletivos heterogêneos em um mesmo ambiente. Questionamentos que contribuem tanto para o conhecimento das ecologias urbanas “para-formais” como no aprimoramento da cartografia urbana.

Palavras-chave: Para-formal, cartografia urbana, planejamento urbano e regional.

Abstract

The contemporary city is the meeting of diversity, in which public space is not defined by urban regulations, but on many occasions it is the inhabitants themselves who decide which space will be communal and which will not be. Research is interested in these places of rupture, of chaos, which produce activities subversive to the laws that govern the traditional economy - “para-formal” spaces. This informal event, far from being an occasional one, is a relevant factor in the development of cities, so the investigation is dedicated to “mapping”, giving voice to “for-formality”, having as a case study the Pelotas city center. From urban cartographies, making use of infographic resources seeks to understand that things unite and separate the formal city from the informal, as well as unmasking how happens the integration of heterogeneous collectives in the same environment. Questions that contribute both to the knowledge of “para-formal” urban ecologies and to the improvement of urban cartography.

Keywords: Para-formal, urban cartography, urban and regional planning.

1 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), UFPel, Pelotas/RS Brasil. E-mail: lorenamilato@gmail.com

2 Acadêmico na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UPPel, Pelota/RS Brasil. E-mail: levyarqui@gmail.com

3 Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), início em 2013. Atualmente bolsista do Laboratório de Urbanismo (LABURB) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb).

4 Pesquisador no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFPel, Pelotas/RS Brasil. E-mail: amigodudu@yahoo.com.br

O para-formal

O “para-formal” para o grupo GPA (2010)⁵, é um conceito de fronteira, que ao contrário da oposição entre o formal e o informal – a partir de áreas do conhecimento como o urbanismo e a economia, que categorizam seus estudos e objetos em cidade/economia formal e informal – busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui denominamos como cenas urbanas “para-formais”. Um modelo de investigação “para-formal” se apropria de categorias alternativas para explorar o “campo do meio”, a zona cinza, onde se desenvolve a verdadeira máquina da cidade.

O para-formal nesse sentido, é algo artificial e provisório, algo relativo à forma, mas que ao mesmo tempo não se configura como tal. Um modelo abstrato, que tem como polaridade o formal e o informal, uma atividade menos delimitável, mais mista, heterogênea. O para-formal é um lugar do cruzamento entre o formal (formado) e o informal (em formação). O “para-formal” é um lugar de cruzamento entre o previsível e o imprevisível.

O para-formal é:

- A: a cidade em formação, o princípio de acordos, regras e projetos.
- B: a cidade em desagregação, os processos urbanos conflitivos, friccionantes e catastróficos.
- C: as situações urbanas onde há fortes “indiferenças estratégicas” entre os autores (GPA, 2010).

Enquanto o para-formal no qual referimos neste estudo (numa escala diferente da proposta pelo grupo GPA, que espia grandes massas e conjuntos para-formais) encontra-se no cruzamento do formal (formado) e do informal (em formação), são todas as atividades (comerciais, culturais, moradia, lazer, mistas, etc.) encontradas nos espaços abertos e públicos da cidade, que não fazem parte de seu desenho urbano (GHEL, 2013) original, mas que agora – na contemporaneidade⁶ – fazem parte de seu cotidiano (CERTAU, 1994). São cenas urbanas, individualizadas por imagens fotográficas e anotações. O “para-formal” no cotidiano das cidades gera controvérsias (disputas, opiniões diversas ou debates) na sua relação cidade-corpo e corpo-cidade, às vezes veladas e dóceis outras reveladas e desobediente.

Este escrito é fruto do projeto de pesquisa⁷ que dedicou-se entre os anos de 2014 e 2015 a experimentar essas “para-formalidades” no território central da cidade de Pelotas. A proposta vem de encontro às controvérsias urbanas pelo que sofrem as cidades latino-americanas na contemporaneidade, trazendo a superfície os conflitos e acomodações no espaço público das áreas centrais. A cidade de Pelotas, na região sul do estado do Rio Grande do Sul, desde a última década passa por grandes transformações e crescimento desorganizado, afetando negativamente a qualidade

5 O grupo Gris Público Americano (GPA) é um coletivo independente, formado por um grupo de arquitetos argentinos com sede em Buenos Aires, integrado por Mauricio Corbalán, Paola Salaberrí, Pío Torroja, Adriana Vázquez, Daniel Wepfer e Norberto Nenninger [https://www.facebook.com/grispublicoamericano.gpa]. Propõe investigações que tem como ponto central as situações de controvérsias urbanas, polêmicas e/ou complexas.

6 “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, dele toma distâncias [...]” (AGANBEM, 2009, p. 59).

7 A pesquisa do Grupo Cidade+Contemporaneidade (http://contemporaneidade.wix.com/faurb), do Laboratório de Urbanismo (LabUrb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), teve financiamento do projeto de extensão Proext 2014, a partir da parceria entre o Ministério da Educação e Ministério das Cidades. O grupo foi formado pelos seguintes pesquisadores: Eduardo Rocha (coordenador), e os bolsistas de iniciação científica: Gustavo Nunes, Lorena Maia e Paola Silva Brum.

dos espaços públicos e da relação formal e informal nos âmbitos econômicos, culturais e sociais.

O espaço público na cidade contemporânea

A cidade contemporânea é um lugar de fronteira, de ruptura, uma cidade troca, onde proliferam zonas abandonadas, baldias e, ao mesmo tempo, surgem novas culturas e subculturas, tais como as atividades para-formais, as quais são manifestações cotidianas da cidade. A cidade contemporânea é o caos, é a co-existência de diversos tipos de pessoas, de diferentes classes econômicas, que buscam modos de vida diferentes, é a diversidade. E a contemporaneidade, portanto, “é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias.” (AGAMBEN, 2009).

Por sua vez, o termo espaço público, em seu aspecto mais abrangente, pode ser entendido como um local dentro de um território urbano tradicional - com nítida delimitação entre público e privado - sendo utilizado e apropriado de forma coletiva e pertencente ao poder público. Ao mesmo tempo é um espaço de ação ou de possibilidade de uma práxis política (SERPA, 2004).

No entanto, na contemporaneidade, o espaço público não está definido e limitado pelos planos urbanísticos, em muitas ocasiões são os habitantes da cidade que decidem que espaço vai ser público e qual não vai ser; que espaço cumprirá uma função ou outra. E é assim que surgem as atividades para-formais, nessas “zonas de ninguém”, zonas que passam a cumprir uma função diversa do original. Dessa forma, essa ideia de espaço comum vai além de cenários de encontros da diversidade e expressividade cultural, avança como formador de intersubjetividade, identidade comunitária e apropriação do sentimento de coletividade.

Podemos destacar ainda diferentes perspectivas ou categorias que analisam os espaços públicos: Hertzberger (1999) volta sua atenção para a acessibilidade, as formas de uso e os usuários; Roberto da Matta (1997) percebe a relação dinâmica entre o espaço doméstico e as atividades na rua, relacionando-os; o geógrafo Milton Santos (1985) vai voltar suas observações para os fluxos com um viés econômico afirmando que: “o subsetor governamental orienta os fluxos econômicos e humanos e determina a sua viabilidade e direção” (SANTOS, 1985, p. 76).

Pela lógica do sistema capitalista, o espaço público é visto como mercadoria para o consumo de poucos. Harvey (1992) salienta a intencionalidade política e ideológica de propostas inovadoras em áreas públicas, atitudes que comprovam a espetacularização das cidades e a valorização do consumo, ocasionando segregação de classes, especulações imobiliárias e a gentrificação. Mas, ao mesmo tempo, esses lugares são solicitados, inventados, re-inventados, criados e recriados, territorializados e des-territorializados pela população em seu cotidiano. Foi importante para o projeto observar as pessoas que ocupam, transitam, intervêm nesses espaços como são na realidade com seus desejos, ansiedade, expectativas não apenas como usuários de uma classe social. Compreender o espaço público sem a ingenuidade da influência política-econômica, contudo se detendo as transformações provocadas por seu uso na contemporaneidade.

Observa-se que os espaços públicos encontrados na cidade de Pelotas/RS são ocupados pelos mais diferentes usuários e fluxos, morfologicamente são constituídos na forma de ruas, calçadão, praças, parques; ou vazios e abandonos urbanos. Lugares do encontro e desencontro, de uma certa hospitalidade e/ou hostilidade. Ressalta-se ainda que é no centro comercial da cidade o lugar onde se produzem atividades

que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas. Assim, a pesquisa aproxima-se das áreas centrais da cidade, que são os lugares de diversidade e densificação de atividades para-formais. Encontra-se nesses espaços, o “outro urbano”, aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano dessa outra urbanidade, através de táticas de resistência e apropriação do espaço urbano, de forma anônima (ou não) e dissensual, radical. Esse “outro urbano” se explicita através da figura do morador de rua, ambulante, camelô, catador, prostituta, artistas, entre outros.

A partir de toda essa complexidade analítica frente as práticas humanas em espaços públicos, própria da contemporaneidade, podemos vislumbrar a possibilidade de cartografar tais dinâmicas para-formais afim de desvelar seus potenciais, possibilidades e tensões no centro da cidade de Pelotas.

A cartografia urbana

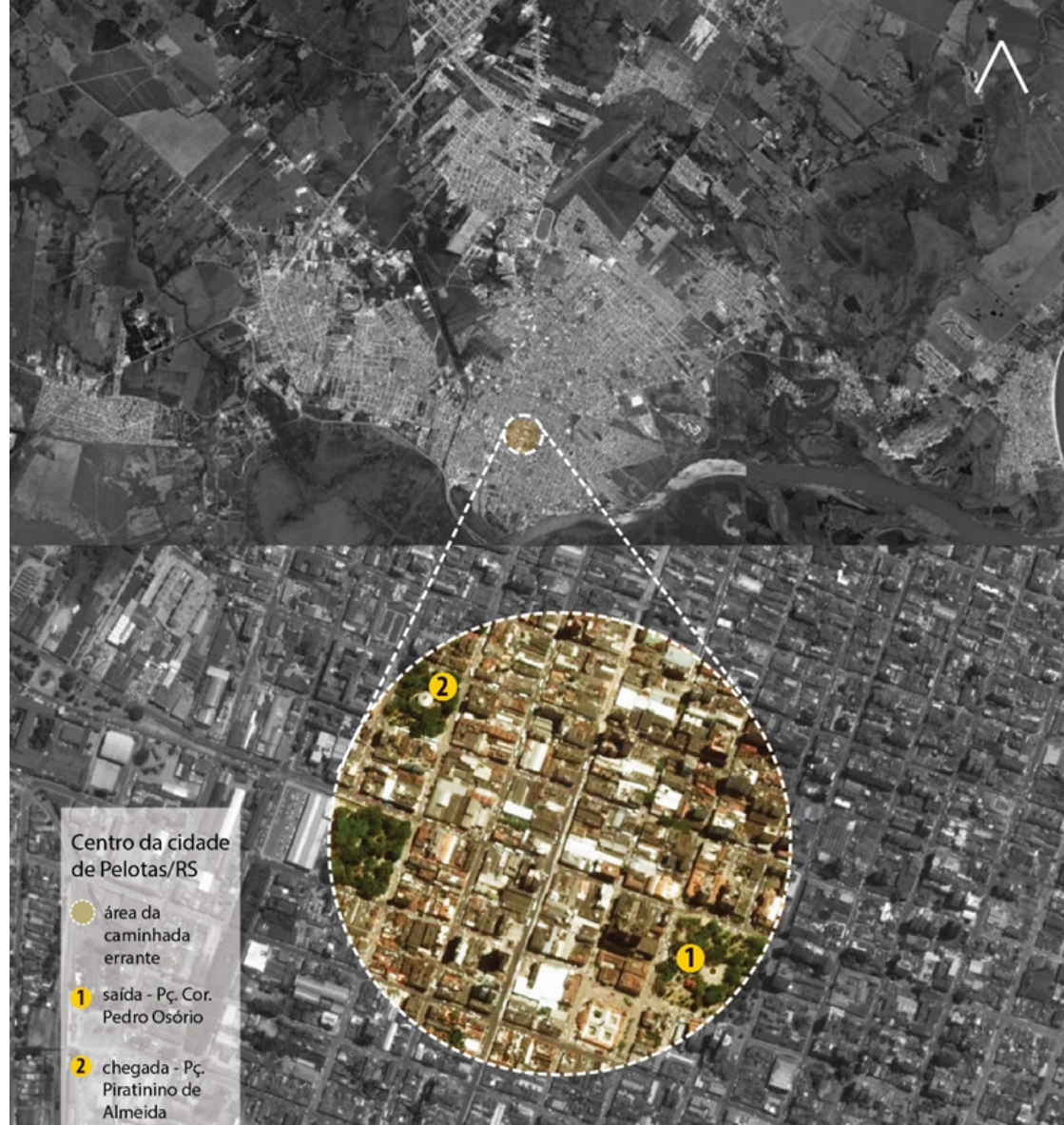
A palavra cartografia remete a mapas, desenho em duas e/ou três dimensões confeccionados digitalmente que podem ser impressos ou virtuais que representam um espaço, um lugar seja ele geográfico, imaginário ou conceitual. Os mapas são meios de comunicação e análise. Comunicação visual, mas também imagética, sonora, sensitiva. De não só localizar, mas de sentir o lugar. A cartografia não só comunica como é fotografia, psicologia, desenho. Pode-se dizer que a cartografia de um espaço é determinada por um conjunto de mapas que são representados de maneiras distintas, pois cada mapa tem um objetivo específico e uma maneira de representação próprios.

A cartografia urbana que adotamos nesse projeto se aproxima do conceito trazido pelos filósofos da diferença Gilles Deleuze e Felix Guattari (1997). Esse método procura percorrer a cidade em busca da diferença, de cenários não marcados no mapa habitual das cidades, como o para-formal; a cartografia não se configura como um método tradicional, é uma maneira de proceder que pode admitir as modificações temporais no espaço e busca mediar a experiência corporal do pesquisador. Um método dinâmico, constituído de infinitas linhas que se cruzam, de dobras, desdobras, de territórios, desterritórios e reterritórios (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009).

Constituindo um método de mapear as dinâmicas da contemporaneidade, é possível construir mapas que nos falem de muitas cidades não visíveis, que convivem com as nossas cidades, mapas que nos falem da vida cotidiana em que vivemos, dos caminhos, dos eventos urbanos, daquilo que não é só estático, que não está cheio, do simultâneo, do híbrido, do que pode estar à margem, do que não é central, de tudo que está soterrado, abandonado nos lugares físicos e espaciais nas cidades em que vivemos. Se busca a perspectiva contemporânea de experimentar um lugar, com olhares laterais, pelas frestas, que tendem a diminuir a distância entre o observador e o observado, habilitando, assim, uma espécie de mediação subjetiva e circunstancial durante a aproximação ao território cartografado.

Os procedimentos metodológicos que auxiliaram a construção dessa cartografia consistem em: revisão bibliográfica (referencial teórico); coleta de imagens exploratórias errantes em trechos de áreas centrais de cidades (experiência prática) e, por fim, identificação, análise e classificação dos equipamentos “para-formais” encontrados (análise projetual).

Na etapa do referencial teórico estabeleceu um estudo relacionado à cidade de Pelotas - dados como número de habitantes, a morfologia urbana, histórico da cidade e do território - e também o entendimento dos principais conceitos que nortearam a pesquisa



– como o para-formal, cartografia urbana, ecologia urbana, errância, teoria da imagem e fotografia.

A próxima etapa, coleta de imagens exploratórias errantes, aconteceu na área central da cidade - como demonstrado na Figura 1. Os trajetos eram escolhidos anteriormente pelos integrantes do Grupo Cidade + Contemporaneidade com visualizações nos mapas do Google. Foram realizados no centro da cidade, por ser um lugar diverso, efêmero, onde os participantes recebiam um mapa com um ponto inicial e um ponto final, - dois pontos importantes no imaginário cultural - mas nunca um caminho determinado a seguir. Os participantes eram livres para escolher o percurso (uma vez que o próprio para-formal pode ser ambulante, nômade, sem lugar fixo), entretanto, em sua maior parte, optavam por seguir o caminho mais curto, de aproximadamente 1 Km.

Segundo JACQUES (2006, p. 6): “Errar, ou seja, a prática da errância, pode ser um instrumento da experiência urbana, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método ou de um diagnóstico tradicional. A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um, mas que o errante pratica de forma voluntária. O errante é então aquele que busca o estado de espírito (ou melhor, de corpo) errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções”

Os atores envolvidos participaram de oficinas (experimentos coletivos⁸), ministradas para grupos diversos, formados por moradores, não moradores, colaboradores, com a intenção de entender a cidade como a soma de cidades sobrepostas, enlaçadas e relacionadas. Os atores foram convidados a utilizar a técnica de cartografia urbana no trajeto errante para apreensão do para-formal. A expressão e desenho das observações em mapas, sejam eles fotográficos, planares, tridimensionais ou mentais, constituam um instrumento de comunicação.

A etapa final buscou identificar em cada mapa-fotografia feita durante os trajetos de errâncias os equipamentos “para-formais” presentes em cada cena registrada (bancas, cestos, caixas, bancos, etc.). Depois, após terem sido identificados (com base em atividades realizadas pós errâncias, com o grupo de participantes), foram analisados e classificados quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações, além de fazer a relação dos corpos com os equipamentos e de reconhecer elementos urbanos/ climáticos que possam modificar ou possibilitar as atividades (como o clima, a estação do ano, calçadas, marquises, etc.).

Pistas-descobertas-encontros

“Para-formalidades” disputam o espaço com novas construções, as bancas de revistas confundem-se com os vendedores ambulantes, os cartazes anunciando promoções nas lojas e os anúncios das traseiras dos ônibus. Quando muito se vê, pouco se percebe. Em meio a tantas imagens, e seu acúmulo veloz, o homem se espelha e se estranha em seu próprio abandono.

Segundo WENDERS (1994, p. 187): “Tudo que é pequeno desaparece. Mas, se perdemos tudo o que é pequeno, perdemos também nossa orientação, nos tornamos vítimas do que é grande, impenetrável, superpotente. Deve-se lutar por tudo o que é pequeno e que ainda existe. Aquilo que é pequeno confere ao que é grande um ponto de vista”.

As pistas que a cartografia urbana proporcionou consideram três frentes: o lugar (espaço público), o equipamento e o corpo (figura 2). O *Espaço público “para-formal”* foi encontrado nas calçadas, rua, embaixo de marquises, esquinas, abandonos, vazios, entre outros. Além de acoplamentos aos equipamentos urbanos (banco, poste, lixeiras, etc.). Os *equipamentos* foram observados quanto ao tamanho, mobilidade e instalações. Localizou-se muitas “para-formalidades” pequenas e móveis e outras muitas grandes e fixas (como os trailers, que possuem, em sua maioria, instalações hidráulicas e elétricas). Por fim, o *corpo “para-formal”* que geralmente está presente nas atividades que observamos e muitas vezes ele é a própria “para-formalidade”, é o protagonista. Podem estar sentados, em pé ou caminhando. Em grupos ou solitários. É aquele que tenta vender seu produto sem “ponto comercial fixo”, sem um local determinado no mapa da cidade, a cada dia ou hora podem se deslocar (ambulante), seja a procura de sombra ou de possíveis novos clientes, mas estão sempre por perto de aparatos, sejam públicos ou que eles próprios carregam.

⁸ O conceito de experimento coletivo segundo Bruno Latour em “Políticas da Natureza” (2004) é definido como o encarregado de reunir as múltiplas associações de humanos e não humanos sem segregação, uma espécie de “República das coisas”. Aos não humanos deveria ser dada a palavra, embora em poucos momentos o autor tenha explicitado como os não-humanos podem “falar” sem passar pelos seus porta-vozes, os cientistas. LATOUR, Bruno. Políticas da natureza. Bauru: UDUSC, 2004



As cenas “para-formais” não chegam a ser obstáculos, mas por outro lado pontos de referência – coisas interessantes (GEHL, 2013) – e que chegam a servir como parada e descanso ao pedestre (apoio corporal). Ao mesmo tempo, o “para-formal” polui, atrapalha e violenta a cidade e o cidadão. Essas atividades ensinam novas soluções para a cidade na contemporaneidade, de certa forma é um termômetro econômico, político, social e cultural. São considerados atos de resistência, lugares da potencialidade e criação.

Segundo DELEUZE (1987, p.14): “O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens”.

O para-formal modela linhas de fuga⁹, desvios que rompem e desterritorializam a cidade em seu plano tradicional. Uma abertura para o novo, para a experiência de *afectos e perceptos*¹⁰ que produzem fissuras e anunciam devires¹¹.

Ao visualizar e reconhecer o para-formal como parte da cidade, dos espaços públicos, é possível refletir a coexistência de uma urbe formal e informal. Conhecer a cidade como

9 O conceito de linha de fuga é utilizado pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia* 1997.

10 Os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro) (Deleuze, *Conversações*, p.171.2004)

11 Devir não é evolução, uma linha cronológica, uma imprevisão de um futuro que pode ser possível. Na verdade, o devir ou o ‘por vir’ está fora de uma linearidade presente, é o inimaginável, o impossível.

um organismo vivo é ir de encontro as frestas, aos espaços indiscerníveis, onde se pode abandonar ou descobrir tudo que outrora havia perdido. Se por um lado a cidade limita, por outro liberta o movimento de vários corpos resistentes, que denunciam as mazelas da espetacularização. É da resistência, da zona de atrito, das fronteiras, que nasce o novo.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícios Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

CERTAU, M. *A Invenção do cotidiano*. 1ed. Petrópolis: Artes de fazer, Vozes, 1994.

DA MATTA, R. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997.

GEHL, Jan. *As cidades para as pessoas*. São Paulo: Perspetiva, 2013.

GRIS PÚBLICO AMERICANO. *Para-formal: ecologias urbanas*. Buenos Aires: Bismar Ediciones; CCEBA Apuntes, 2010.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HERTZBERGER, H. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein [org.]. *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/internacional situacionista*. Salvador: EDUFBA, 2006.

LATOUR, Bruno. *As políticas da natureza*. Florianópolis: EDUSC, 2004.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Studio Nobel, 1985.

SERPA, A. *Espaço público e acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica*. Revista GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n.15, p.21-37, 2004.

WENDERS, Wim. *A paisagem urbana*. 1994. Revista do patrimônio e histórico artístico nacional, 23, 181-189.